

- 1.Reinaldo Moura
- 2.Meio de Semana
- 3.Correio do Povo
- 4.Crônica sobre os dramas das cidades
- 5.Porto Alegre
- 6.13 de Julho de 1950
- 7.número 236
- 8.Seção - Arte e Literatura
- 9.Bom
- 10.Amélia Ester
- 11.26 de Maio de 1994

REY CL: 0343
SIST. 55184

710846

MEIO DE SEMANA

(Especial para o "Correio do Povo")

Você sabe, numa cidade moderna, quantas vidas anônimas!
A cidade moderna é o lugar dos homens anônimos. E imagine agora

quanto drama, quanta coisa grotesca, que a gente nunca fica sabendo, que os jornais nunca publicam, acontecem nas cidades modernas! Antigamente não era assim. As populações eram diminutas havia claros na vida das multidões. Hoje, você sente a seu lado, nas ruas, a multidão sem nome, palpitando. E imagine que toda essa multidão precisa viver e ter o seu caso pessoal, o seu pequeno drama. Cada homem deve viver o seu próprio romance. De todos esses impulsos pessoais para a existência, brotam gestos, forças insuspeitadas, fatores de outros tantos romances, em outros homens em outras atmosferas, cada um com seu jeito diferente. Uma atitude daquele vulto que vai se sumindo agora ali no seio da multidão, talvez não influir sobre os moradores daquele apartamento lá no alto desse edifício, ali, aquele agora amarelado pela luz do entardecer. Você mesmo pode fazer um gesto e determinar numa infinidade de homens desconhecidos reações diferentes. Tudo depende do nível de força atingido, determinando efeitos inesperados. Somos causas, a todo instante, e efeitos de causas remotas. Estamos sempre agindo uns sobre os outros, sem o saber. Por isso, o romance de cada um participa do espírito coletivo, e seus rumos, ao longo de seu desenvolvimento, se alimentam da eterna incerteza que há na conduta dos homens. Em certo sentido, os romances escritos, as vidas postas em livro, influem sobre a existência ao natural. Em determinados momentos copiamos páginas inteiras de novelistas já esquecidos, involuntariamente, bem ter consciência de que estamos representando por conta de um autor que deixou em nosso espírito um sedimento de lirismo inesperado. E o homem comum, sem grande

imaginação, de pouca leitura, esse necessita todos os dias de sua dose de aventura modelo, pelo rádio, pelo cinema, ou através do noticiário do jornal, que é mais verídico e às vezes mais rico de fantasias na sua aparente pobreza do terra a terra da realidade. Fique olhando, quando puder quando estiver disposto, fique olhando os movimentos da multidão nas ruas da cidade e procure adivinhar os segredos de cada máscara aparentemente inviolável. É um exercício interessante, que chega a participar das surpresas da ficção. Porque cada ficcionista, quando está criando o seu pequeno mundo monodimensional na planície branca do texto, cada um de vez em quando se encontra com a resistência de um personagem que não quer ser o que ele deseja fazer dele, que se revolta e vive por conta própria. De vez em quando, num capítulo incerto, lá vem um clima que ele não esperava. A mulher loira do capítulo quarto acaba sendo honestíssima. O homem taciturno solta intermináveis gargalhadas, porque nada pôde ser completamente previsto na existência desses bonecos que teimam em viver destinos inesperados, como todas essas sombras que aí vão, na multidão da cidade.